

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 06/09/2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – FCHS – UNESP

PAULA ESPOSITO ALMEIDA

**DO ESTRANHO AO COMUM NAS IDAS E VINDAS ENTRE PORTUGAL E
ÁFRICA NO SÉCULO XV**

FRANCA

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – FCHS – UNESP

PAULA ESPOSITO ALMEIDA

**DO ESTRANHO AO COMUM NAS IDAS E VINDAS ENTRE PORTUGAL E
ÁFRICA NO SÉCULO XV**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Franca, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susani Silveira Lemos França

FRANCA

2019

A447e	Almeida, Paula Esposito Do estranho ao comum nas idas e vindas entre Portugal e África no século XV / Paula Esposito Almeida. -- Franca, 2019 182 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca Orientadora: Susani Silveira Lemos França 1. Expansão Portuguesa. 2. Moral cristã. 3. África ocidental. 4. Século XV. I. Título.
-------	--

ERRATA

ALMEIDA, Paula Esposito. **Do estranho ao comum nas idas e vindas entre Portugal e África no século XV**. 2019. 182 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca, 2019.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
Agradecimentos	2 e 3	À Fundação de Amparo à pesquisa de São Paulo (FAPESP), agência da qual	agência financiadora desta pesquisa de mestrado desde o início, sob o Processo de número 2017/10546-1
Agradecimentos	5	Estágio de Pesquisa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,	de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE/FAPESP), Processo de número 2017/27155-5.
Agradecimentos	10 e 11	(...) toda a dedicação e disciplina despendida pela Susani todos esses anos; pesquisadora e pessoa que sempre foi uma inspiração para mim.	Agradeço e dedico também este trabalho à Agência de Fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de auxílio

Agradecimentos	27 e 28	Meus agradecimentos especiais vão também à minha família: Paulo, Maria, Lucas, Deborah e Marco. Todos acompanharam de perto as dificuldades inerentes à dedicação (...)	(...) de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que financia o Projeto Temático, sob o Processo de número 13/14786-6. Aos colegas, agradeço por todo o interesse demonstrado (...)
----------------	---------	---	---

Paula Esposito Almeida

Do estranho ao comum nas idas e vindas entre Portugal e África no Século XV

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura

Linha de Pesquisa: História e Cultura Social

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Susani Silveira Lemos França (presidente)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/campus Franca)

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Menino Avelar
Universidade Aberta (UAB/Lisboa)

Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/campus Franca)

Franca, 06 de Setembro de 2019.

Para a Ivone. É por você que vivo a liberdade de escrever.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), agência financiadora desta pesquisa de mestrado desde o início, sob o Processo de número 2017/10546-1. Foi também por meio dessa agência que pude realizar um Estágio na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL/UL), na modalidade de Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE/FAPESP), Processo de número 2017/27155-5. Foi a agência de fomento FAPESP a instituição que tornou possível a execução dos resultados apresentados aqui; e quando no exterior, a entidade que propiciou a oportunidade de obter vivências acadêmicas que foram de suma importância para a presente pesquisa, bem como para a produção de artigos já publicados.

Agradeço e dedico também este trabalho à Agência de Fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de auxílio durante os primeiros cinco meses de desenvolvimento da pesquisa (de 01/03/2017 a 31/08/2017).

Meus mais profundos e sinceros agradecimentos vão para a Prof.^a Dr.^a Susani Silveira Lemos França, minha orientadora e mentora durante longos anos. Enfrentei cada linha escrita e cada desafio apresentado nesses 24 meses com um sentimento de eterna gratidão e ventura. O encerramento desse ciclo nesta dissertação é uma forma de retribuir toda a dedicação e disciplina despendida pela Susani todos esses anos; pesquisadora e pessoa que sempre foi uma inspiração para mim.

Agradecimentos especiais vão também ao Prof. Dr. José Manuel Damião Rodrigues Soares, quem foi o meu supervisor quando do estágio na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Agradeço por sua acurada atenção e sugestões ao meu trabalho antes mesmo do estágio em terras lusitanas. Jamais me esquecerei das orientações e de toda a experiência vivida durante o verão lisboeta.

Agradeço a todos os colegas do Grupo Temático *Escritos Sobre os Novos Mundos: uma história da construção de valores morais em língua portuguesa*, e mais uma vez, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que financia o Projeto Temático, sob o Processo de número 13/14786-6, do qual faço parte e no qual este trabalho se insere. Aos colegas, agradeço por todo o interesse demonstrado pela minha pesquisa ao longo desses anos: as leituras dos projetos e suas reformulações, as discussões horas a fio, o compartilhamento de bibliografias, ideias, anseios e até mesmo experiências em terras estrangeiras.

Agradeço a dois grandes amigos que acompanharam essa trajetória desde o primeiro dia. A Livia e o Thiago foram os meus maiores interlocutores dentro e fora de casa, pois como historiadores e colegas de apartamento, dividimos os mesmos anseios e nos compreendíamos mutuamente. Muitas linhas desse trabalho são o resultado das nossas divagações, discussões e questões. Dedico e divido também com vocês toda a felicidade que é o desfecho desse trabalho, e sou eternamente grata por tudo o que vivemos em conjunto.

Meus agradecimentos especiais vão também à minha família: Paulo, Maria, Lucas, Deborah, Laura e Marco. Todos acompanharam de perto as dificuldades inerentes à dedicação e amor à pesquisa. Compreenderam quando não pude estar em algumas reuniões de família e datas especiais, ou mesmo quando eu estive, eles compreenderam quando tive de me retirar mais cedo ou acordar mais tarde devidos às noites em claro de trabalho. Todos são e foram especialmente o meu apoio emocional, psíquico e financeiro por todos esses longos anos. Mesmo com os desafios e preocupações de suas vidas pessoais e profissionais, eles se esforçaram para entender e me apoiar nas dificuldades da minha vida como pesquisadora.

Por fim, gostaria de agradecer a algumas pessoas que apareceram na fase final do meu mestrado, e que não foram menos especiais. Agradecimentos especiais ao Celso e a Mércia Campello, que surgiram em minha vida na reta final da dissertação e me fizeram refletir sobre os rumos da minha profissão. Agradeço por acreditarem em mim, e ao Celso que, ao mesmo tempo aluno e mentor, lançou os primeiros grandes desafios da minha carreira como historiadora.

Ao Luiz Castro que, com muito barulho chegou na minha vida, mas com muita calma e cuidado tem escolhido permanecer nela. Agradeço pela liberdade que bebemos juntos, pela incondicionalidade do companheirismo que vivemos todos os dias, e ao futuro, que não nos intimida.

[...] E era como se a uma só vez fosse dois homens: o que avançava pelo dia outonal e pela geografia da pátria, e o outro, encarcerado numa clínica e sujeito a metódicas servidões. Viu casas de tijolo sem reboque, angulosas e compridas, olhando infinitamente os trens passarem; viu cavaleiros em caminhos de terra; viu ravinas e lagoas e rebanhos; viu longas nuvens luminosas que pareciam de mármore, e todas essas coisas eram casuais, como sonhos da planície. Também julgou reconhecer árvores e sementeiras que não teria podido nomear, porque seu conhecimento direto do campo era bastante inferior ao seu conhecimento nostálgico e literário.

“O Sul”, Jorge Luis Borges

ALMEIDA, Paula Esposito. **Do estranho ao comum nas idas e vindas entre Portugal e África no século XV**. 2019. 180 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2019.

RESUMO

Ao longo do século XV, entre curiosos e conquistadores ligados a Portugal, houve um número significativo de letrados que se ocupou em falar sobre as coisas da África. Os relatos dessas viagens, escritos com o intuito primordial de levar informações para os reis cristãos, tinham se tornado um modo de traduzir os novos mundos, ora enfatizando as estranhezas, ora lançando luz sobre traços que consideravam comuns, ou melhor, sobre aquilo que nos africanos não propriamente os distinguia dos povos dos reinos cristãos. Tendo isso em vista, a proposta da presente pesquisa consiste em examinar, nesses escritos, não apenas o que causou assombro, mas os parâmetros daquilo que, quando as viagens se tornaram mais frequentes, repetidas e demoradas, passou a ser compreendido e julgado comum ou familiar. Em suma, serão interrogados e confrontados valores e hábitos reconhecidos como partilhados entre os dois continentes: Europa e África. Com ênfase sobre as menções que os viajantes fizeram às práticas mais mezinhas da vida – comer, habitar, vestir e demonstrar sentimentos –, a pesquisa examina as páginas dos relatos dedicadas a conhecer aquelas gentes que, notadas a princípio por suas diferenças, não se mostraram depois tão estranhas aos cristãos.

Palavras-chave: Expansão portuguesa. Século XV. Moral cristã. África ocidental.

ALMEIDA, Paula Esposito. **From strange to common in the comings and goings between Portugal and Africa in the 15th Century**. 2019. 182 f. Thesis. (Master's Degree in History and Social Culture) – Faculty of Human and Social Science, São Paulo State University, Franca, 2019.

ABSTRACT

Throughout the fifteenth century, among curious and conquerors related to Portugal, there were a significant number of littered people, who were interested about things of Africa. The reports of these journeys, written primarily for the purpose of bringing information to the Christian kings, had become a way of translating new worlds, sometimes emphasizing strangeness, sometimes shedding light on traits that they considered common, or rather, on what in Africans did not properly distinguish them of the peoples of the Christian kingdoms. In view of this, the purpose of the present research is to examine in these writings not only what caused astonishment, but the parameters of what, when travel became more frequent, repeated and time consuming, came to be understood and judged common or familiar. In short, values and habits recognized as shared between the two continents, Europe and Africa, will be questioned and confronted. With an emphasis on travelers' mentions of life's tiniest practices - eating, living, dressing, and expressing feelings - the research examines the pages of stories devoted to meeting those people who, noted at first for their differences, were not then so strange to Christians.

Keywords: Portuguese expansion. Fifteenth Century. Christian moral. East Africa.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
 PARTE 1. Viagens para a costa ocidental africana durante o século XV	20
 Capítulo 1 Viajar para perto e para longe no Quatrocentos	21
1.1 Os viajantes	22
1.2 Os grandes	26
1.3 Os nomeados.....	33
1.4 Os estrangeiros.....	42
1.5 Os anônimos	49
 Capítulo 2 Precauções e desafios nas viagens quatrocentistas	55
2.1 O que levar, o que esperar, a fortuna e a desventura	59
2.2 Os riscos nas águas e nas terras	67
2.3 Doenças e ferimentos em mar e terra.....	73
2.4 Mortes pelo caminho	76
 PARTE 2. Descobrir, explorar e superar os lindes africanos	80
 Capítulo 3 A permanência em terras a sul	81
3.1 A estadia breve	84
3.2 A estadia demorada.....	93
3.3 Contratempos no cotidiano e adequação dos costumes nas novas terras	98
3.4 Delineamento das rotas africanas	103
3.5 Trocas esperadas, trocas possíveis.....	111
 Capítulo 4 O estranho, o reconhecido, o familiar e o aceito	122
4.1 Os povos da África conhecidos de passagem e pelo convívio	127
4.2 Da casa palhoça aos reinos de muitos senhores.....	131
4.3 Homens que andam continuamente nus	137
4.4 Alimentos dos de cá e dos de lá.....	146

4.5 Sentimentos de uma costa à outra.....	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
DOCUMENTOS E ESTUDOS.....	170

APRESENTAÇÃO

Nas primeiras décadas do século XV, as notícias sobre certas feiras africanas onde se podiam adquirir escravos e ouro chegavam aos portugueses no norte da África através de nômades e caravaneiros berberes, azenegues e árabes que atravessavam o Sahel reabastecendo as cidades. As caravanas iam e vinham trazendo mercadorias, como ouro, cativos, marfim e tecidos¹ para as feiras magrebins de Túnis a Uadam,² e com eles vinham essas notícias sobre outras feiras localizadas mais a sul, em cidades distantes como Tombuctu, Cantor, Jené ou Chade.³ O desnudamento do norte berbere expôs aos portugueses a possibilidade de conquistar terras, gentes e riquezas em partes que “sempre foram de todo incógnitas” aos cristãos,⁴ ao passo que naqueles mesmos anos, juntamente com os castelhanos, os navegantes portugueses davam início às povoações nas Canárias e na Madeira. Logo, as viagens de “pequena tardança” e de bons ventos que faziam os homens “seguirem brevemente sua viagem”,⁵ com destino às praças marroquinas ou às Ilhas atlânticas, passaram a dar lugar às viagens longas, sujeitas a tormentas, e que por vezes não permitiam que as embarcações retornassem. As viagens curtas e esporádicas de assaltos às fortificações marroquinas davam, assim, lugar às longas viagens de reconhecimento mais a sul e sudeste, que poderiam durar anos.

Nos anos 30 e 40 do século XV, as grandes e pesadas galés iam sendo substituídas pelas caravelas, capazes de ir mais longe e de conduzir cargas mais pesadas e adequadas aos que ficavam mais tempo à deriva, indo além do Cabo Bojador.⁶ Encomendados pelo Infante D. Henrique, os deslocamentos cada vez mais longínquos passaram a demandar novas formas de organização das viagens para tornar viáveis os empreendimentos, atentando para a subsistência dos longos dias em alto mar, ao aperfeiçoamento técnico das práticas de navegar, e a preparação

¹ GODINHO, Vitorino Magalhães. O mediterrâneo saariano e as caravanas do ouro. **Revista de História** : Universidade de São Paulo, 1954. Disponível em << <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36467/39190>>> Acesso em 05 Abril 2018, pp. 79-80.

² Ibidem, pp. 67-70

³ COSTA E SILVA, Alberto da. **A manilha e o libambo** – A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro, Nova Fronteira : Fundação Biblioteca Nacional, 2011, p. 164-165.

⁴ PEREIRA, Duarte Pacheco. **Esmeraldo de Situ Orbis**. Introdução e anotações de Damião Peres. Lisboa: Academia Portuguesa da História, Edição comemorativa do V Centenário do descobrimento da Guiné, 1988, p. 13.

⁵ ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei D. João I**. PEREIRA, Francisco Maria Esteves (org.). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Comemoração do quinto centenário da Tomada de Ceuta : Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915. Capítulo XVIII. p. 54.

⁶ GODINHO, Vitorino Magalhães. Inovações técnicas e processo econômico. IN: **Mito e Mercadoria. Utopia e Prática de Navegar**. BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada. (orgs.). Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990, p.

de homens instruídos para tratar em paz e não em guerra.⁷ A despeito do esforço da coroa portuguesa em sistematizar as viagens de exploração e reconhecimento, o perfil dos que partiam no decorrer do Quatrocentos era plural, assim como as razões de suas partidas. Além do mais, os objetivos, as aspirações e os projetos poderiam se alterar no decorrer da viagem, devido aos imprevistos no caminho ou conforme se deparassem com as novidades encontradas naquelas terras. Em meados do século, os nobres cavaleiros passaram a sair em busca de cativos e mercadorias, e o mercador de origem modesta passou a almejar ocupações mais honrosas, que poderia conseguir a partir dos seus feitos e ganhos adquiridos nas viagens para a África.⁸

Com isto, os roteiros que iam se formando na rota atlântica que vai do sul da Península Ibérica, perpassando o norte da África, os núcleos insulares, a costa ocidental do Sahel e a região da Mina no decorrer do século XV, eram complexos e difusos, pois os interesses e as carreiras dos navegadores particulares ou ligados à coroa portuguesa se cruzavam de tal forma que não era possível traçar os limites das atuações.⁹ Tendo isto em vista, a primeira parte da dissertação que busca mapear as *Viagens para a costa ocidental africana durante o século XV*, está dividida em dois longos capítulos, e concentrar-se-á em interrogar as duas principais etapas de uma viagem com destino às terras africanas no decorrer do Quatrocentos: a preparação e o percurso. Buscaremos, a partir dos relatos legados, diretos ou indiretos, primeiramente mapear os vários perfis dos homens que se propuseram a partir – delegados pelo rei ou interessados nos ganhos prometidos –, sob o comando do Infante D. Henrique, atentando para as possíveis mudanças de interesses no decorrer da viagem, bem como para a flexibilidade das funções desses homens e de seus objetivos ao longo desse século.

Desde as primeiras viagens àquelas partes no início do século XV, foi-se criando uma rede de informações sobre as viagens com destino à África, fosse para espalhar as novidades encontradas ou como forma de instrução aos que intentavam partir. Além de instigar viajantes e curiosos de outras partes da Cristandade a viajarem, as notícias ajudavam a informar outros mareantes acerca das provisões necessárias para a viagem, dos trajetos mais curtos ou mais seguros dependendo da região almejada e acerca das correntes e quebras marítimas que faziam um ou outro navio se perder no mar, por exemplo. Dadas as novidades, o destino esperado nem sempre era o alcançado; por isso, a missão que por vezes era prevista para ocorrer em alguns dias poderia durar meses. Desse modo, as precauções a serem tomadas oscilavam de um destino

⁷ SINTRA, Diogo Gomes de. **Descobrimento Primeiro da Guiné**. Edição crítica de Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, 2002, p. 63.

⁸ CADAMOSTO, Luís de. **Viagens de Luís de Cadamosto e de Pedro de Sintra**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1948, pp. 1-2.

⁹ GODINHO, Vitorino Magalhães. op. cit. pp. 96-98.

a outro, de uma década a outra e, em certos casos, a despeito dos cuidados tomados, nem todos os riscos eram evitados, de forma que os navegadores acabavam tendo de fazer sacrifícios no meio do caminho. Assim sendo, importa analisar, igualmente, os aspectos envolvidos na preparação de uma viagem com destino à África, atentando para as mudanças das práticas marítimas e de organização das embarcações ao longo do século, para em seguida esmiuçar os percursos dessas viagens pelos que intentavam partir às “Etiópias de Guiné”. Dois focos conduzirão a investigação: de um lado, as diferenças entre as viagens próximas e longínquas, as que demandaram mais tempo em confronto com as mais curtas; do outro, as disparidades entre as expectativas antes das partidas e o que acabavam tendo de enfrentar no caminho.

Nosso propósito, nesta primeira parte, consiste em desdobrar melhor o itinerário dessas viagens, com foco na costa ocidental africana, incluindo as ilhas atlânticas e o norte da África, pois foram importantes pontos de partida dos viajantes, ou de transição do conhecido ao desconhecido. Realizaremos, também de forma mais esmiuçada, na segunda parte da dissertação, uma geografia das viagens durante os mais ou menos 80 anos da expansão quatrocentista de reconhecimento dos espaços da costa ocidental africana, atentando para os roteiros mais improvisados do início do século e os mais precisos que foram se constituindo no final da década de 80 do século XV. Para isso, interrogaremos também sobre as fontes do conhecimento geográfico dos viajantes, se escritas ou experienciais, de modo a recordar os roteiros da primeira grande expansão para a África. Nosso foco, contudo, são esses roteiros mais ou menos rudimentares e a preparação para percorrê-los, pois os avanços pelo território e o contato mais demorado com os povos, que possibilitaram certas diferenciações das línguas, costumes e reinos, serão examinados no último capítulo da dissertação. Esses percursos – a escolha de determinados trajetos e não outros, de certas paragens no lugar de outras –, bem como o mapeamento dos medos e receios dos viajantes antes dos contatos serão de suma importância, pois muitas vezes estes levaram a interdições decisivas de determinados roteiros, dos contatos com certas gentes, ou mesmo do prosseguimento da viagem.

O pouco que se sabia sobre a grandeza do “mar oceano”¹⁰ no início do século XV era, por vezes, o suficiente para inibir muitos de se lançarem rumo àquelas partes ignotas. O que se dizia era que lá o mar era baixo e as correntes “tamanhas”, que o navio que tentasse ir jamais poderia retornar.¹¹ Em 1433, Gil Eanes dobrara o Cabo Bojador, e alguns anos depois Afonso

¹⁰ PEREIRA, Duarte Pacheco. **Esmeraldo de Situ Orbis**. Introdução e anotações de Damião Peres. Lisboa: Academia Portuguesa da História, Edição comemorativa do V Centenário do descobrimento da Guiné, 1988, p. 20.

¹¹ ZURARA, Gomes Eanes de. **Crônica de Guiné**. Introdução, novas anotações e glossário de José de Bragança, Lisboa: Biblioteca Histórica – Série Ultramarina – Livraria Civilização Editora, 1973, p. 50.

Gonçalves Baldaia encontrou, um pouco além do cabo, uma foz de “muitas boas ancorações”,¹² porém, apesar da transposição de certos obstáculos, as notícias das embarcações que enfrentavam “tempos contrários”¹³ ou “grandes inundações de mar”¹⁴ (correntes), que com frequência se despedaçavam no oceano, continuavam a assombrar os mareantes.¹⁵ Os próprios nomes dados pelos viajantes às extremidades que alcançavam na costa africana remetiam aos aspectos bravios dos mares ou os obstáculos para desbravar as terras, como: “Cabo de Não” (“quem passa no cabo de não ou tornará ou não...”), “Mar Arenoso”, “Terra Alta”,¹⁶ para citar alguns. A partir dessas observações, buscaremos mapear alguns dos grandes medos¹⁷ e desafios enfrentados pelos viajantes que se destinavam àquelas regiões, observando primeiramente os medos anteriores aos contatos, não só dos perigos marítimos, mas outros, como das feições imaginadas das gentes que lá porventura habitavam, ideadas por vezes como bestas ou seres extraordinários. Ou o medo da ausência de terra em que pudessem ancorar seus barcos e, por fim, o medo da morte que sempre assombrava as viagens.¹⁸

Durante esses percursos, e a partir da experiência do ver na abertura dos caminhos, novos medos foram se constituindo conforme os homens iam adentrando essas terras. Em contrapartida, os medos que traziam foram por vezes se perdendo na medida em que os viajantes constataavam que certas coisas eram “muito pelo contrário” do que antes presumiram.¹⁹ Diante deste cenário hostil, e ao mesmo tempo instigante, uma das questões a ser desdobrada, serão as motivações ou condições para que uns ficassem mais tempo e apenas passassem. A análise mais acurada dos tipos de estadia que os viajantes tiveram naquelas terras, permitir-nos-á mapear melhor as impressões legadas sobre os povos e os seus modos de viver.

Duarte Pacheco Pereira, em seu livro de marinharia e cosmografia, escrito entre os anos de 1505 e 1520, buscou descrever pormenorizadamente as partes que compunham aquilo que se compreendia, em sua época, como a África. O cosmógrafo português expôs as mudanças de percepção sobre o território desde a Antiguidade, perpassando os tempos do Infante D.

¹² Ibidem, p. 58.

¹³ Ibidem, p. 63.

¹⁴ SINTRA, Diogo Gomes de. op. cit. p. 51.

¹⁵ LOPES, Paulo. **O medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.178.

¹⁶ SINTRA, Diogo Gomes de. op. cit. p. 51.

¹⁷ Questão que se tornou premente em estudos recentes. Ver: MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, tiempo y forma**, Serie III, Madrid, N° 25, 2012.

¹⁸ No final do Quatrocentos os capelães passam também a fazer parte das viagens, para velar as almas daqueles que morriam em alto mar. No entanto, muitas vezes estes acabavam também vítimas dos males nas travessias marítimas, cujos estragos eram impetuosos. Ver: MOLLAT, Michel. **Los exploradores del siglo XII al XVI** – primeras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, pp. 123-124.

¹⁹ ZURARA, Gomes Eanes de. op. cit. p. 54.

Henrique, até chegar à sua época, durante o reinado de D. João II e o início do de D. Manuel. O autor do *Esmeraldo de Situ Orbis* ressalta que, “no tempo do Infante D. Henrique e do rei D. Afonso, somente a costa do mar era sabida, sem se saber o que dentro deles era”,²⁰ e que no tempo em que empreendeu sua viagem, em meados da década de 80 do século XV, já havia sido descoberto “o Cabo da Boa Esperança, onde a África faz fim.”²¹ Apesar de aconselhar os seus leitores a não duvidarem do que os sábios filósofos antigos disseram acerca das coisas do mundo, o autor se propõe mostrar as coisas novas que vinham sendo descobertas no seu tempo, pois, segundo o autor, os antigos haviam se enganado em relação a certas coisas que deram a conhecer.

Àquela altura do Quatrocentos, uma nova imagem da África ia se constituindo e, embora alguns viajantes buscassem sobrepor as constatações de suas próprias experiências ao que disseram os antigos sobre aquele território, as imagens antigas ou as incertezas sobre certos lugares não haviam desaparecido por completo. Duarte Pacheco sustenta a existência de antípodas e de homens com dentes limados e agudos como os de cão²² e, naquela mesma década de 1480, o rei D. João II delegava a embaixada de Pero da Covilhã a tentar encontrar, mais uma vez, a localização exata do reino etíope cristão, que por tantos séculos alimentara a imaginação e as esperanças do ocidente cristão.²³ Alguns anos mais tarde, já no final da década de 1490, a embarcação de Vasco da Gama, que se lançou ao atlântico e à costa da África, intentando alcançar as Índias, obteve informações, nas proximidades de Angra de São Brás, de que o “Preste João estaria ali perto e que tinha muitas cidades ao longo do mar. Os da embarcação souberam também que os moradores delas eram grandes mercadores e tinham grandes naus, mas o Preste João estava muito dentro pelo sertão [...]”²⁴

A busca por certos lugares almejados desde o século XIV não havia cessado, todavia, as muitas incertezas sobre a qualidade das terras, as origens e características dos possíveis povos que lá habitavam, misturadas às antigas crenças e receios centenários,²⁵ formavam uma imagem compósita do continente africano. Após a dobra do promontório do Bojador, a constatação de que o grande deserto findava e de que havia grandes porções de árvores e rios, bem como de homens nos quais se podia reconhecer alguns traços e costumes não de todo estranhos. Duas

²⁰ PEREIRA, Duarte Pacheco. op. cit. p. 12.

²¹ Ibidem, p. 183.

²² Ibidem, p. 17.

²³ SANTOS, Maria Emília Madeira. **Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África**. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978, p. 58-59.

²⁴ VELHO, Álvaro. **Roteiro da Viagem de Vasco da Gama**. 2ª Ed. Cópia e correções por A. Herculano e Barão do Castello de Paiva. Lisboa: Imprensa Nacional, 1939. p. 25.

²⁵ LOPES, Paulo. **O medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009. pp. 86-107.

Áfricas começam a ganhar forma: uma de contornos mais vagos, vista de relance, e outra de limites, características e habitantes mais nítidos, porque observada de forma mais detida, graças à necessidade ou à possibilidade de uma estadia mais demorada em certos lugares.

A segunda parte da dissertação principia pelas visitas ao continente mais ligeiras ou demoradas no decorrer do século XV, buscando mapear as várias regiões que são mencionadas nos relatos diretos ou indiretos. Neste século, alguns destes homens percorreram de forma breve a superfície da costa atlântica, outros, entretanto, foram mais além, adentrando um pouco mais as terras e, por vezes, fixando-se em algum reino africano. Os que eram incumbidos das missões de reconhecimento das terras, visando entregar as relações escritas ou orais de suas viagens aos monarcas, acabavam por conhecê-las com mais precisão do que outros que iam mercadejar, ou que estavam apenas de passagem, como a embarcação de Vasco da Gama. Todavia, nenhum dos que legaram relatos mostraram-se indiferentes às novidades do encontro – mesmo que não tivessem viajado propriamente. Duarte Pacheco, que buscou enfatizar a precisão nas técnicas da cosmografia, por sua vez, escreveu que um dos seus propósitos era também dizer sobre “a natureza da gente desta Etiópia e o seu modo de viver”,²⁶ deixando entrever uma certa curiosidade pessoal pelos costumes das gentes.

Com esse empenho mútuo dos viajantes individuais, dos que eram delegados em missões e da própria coroa portuguesa em tornar o desconhecido mais conhecido, os escritos ganharam certo impulso nas terras de Portugal. Contribuíam estes para dar a conhecer os encontros e, posteriormente, para a diferenciação mais sistematizada dos espaços e dos povos. De outro lado, nas terras de lá, dar nomes aos rios e promontórios ou fixar e difundir certos qualificativos que auxiliassem no reconhecimento dos povos foram algumas das medidas adotadas pelos viajantes durante aquele século de descobertas. Nesta parte da dissertação, interessa-nos, para além de refletir sobre esses primeiros passos das viagens quatrocentistas, demonstrar como essas medidas foram sendo adotados gradualmente pelos viajantes. Misturados às impressões pessoais e/ou possíveis julgamentos morais que fizeram, recursos como o de dar nome às coisas ajudaram a compor um cenário mais detalhado das várias comarcas, reinos e povos que habitavam a costa. Em fins do século, o cosmógrafo português escreveu que as gentes de Benim, em todas as suas jurisdições, eram “ferrados de uns riscos nas sobranceiras” que “ nenhuns outros negros têm”, e por este sinal podiam ser bem reconhecidos.²⁷

²⁶ PEREIRA, Duarte Pacheco. op. cit. p. 16.

²⁷ Ibidem, p. 150.

Algumas das breves passagens pela costa tiveram como propósito a captura de cativos para serem levados a Portugal, ou para serem trocados por outros produtos ali mesmo. Outras passagens com esse mesmo propósito acabaram sendo mais demoradas. Fosse pelo insucesso de capturas em certas regiões, ou por cobiça por uma maior quantidade de cativos, ou mesmo cobiça de ouro, alguns homens foram levados a ficar mais tempo, como no caso do mercador veneziano Luís de Cadamosto. As razões dessas estadas mais ou menos breves serão minuciadas, igualmente, no capítulo previsto. Ao se indagar essas estadias, é possível entrever o comércio já avançado que ocorria em determinadas regiões antes mesmo da chegada dos europeus. O aparente desimpedimento do comércio da costa africana tinha-se tornado um atrativo para os portugueses diante do então consolidado mercado berbere do norte da África,²⁸ bem como o das ilhas atlânticas, onde as ameaças castelhanas se faziam cada vez mais sérias. Na metade do século XV, Cadamosto observou que o Infante D. Henrique tinha “continuamente gente nesta ilha [de Arguim] e feitores que compram, vendem e tratam com os sobreditos árabes, que vêm ao litoral mercadejando diversas coisas, como sejam: panos, tecidos de linho e pratas, alquicéis, tapetes, saiotas e outras coisas.”²⁹ O mercador veneziano acabou por se comprometer, arriscando todas as suas economias, a fazer parte daquela viagem, sem saber ao certo o que encontraria; mas surpreendeu-se de tal forma que, no ano seguinte, retornou à mesma região. A partir destas constatações, atentaremos também, de um lado, para as aspirações dos mercadores particulares e da coroa portuguesa em encontrarem determinadas quantidades e qualidades de certos produtos, como os cativos e possivelmente o ouro; do outro, para os proveitos que efetivamente adquiriram, e o que de inesperado acabavam encontrando.

O inesperado não se limitava aos atrativos comerciais, pois as diferentes feições, as vestimentas e a nudez, ou os modos de portar-se durante as refeições, diante das batalhas, do comércio e entre uns e outros, acabaram por instigar os viajantes, desviando as atenções para estes aspectos. As informações acerca do comércio ou do que foi possível adquirir naquelas terras, como no relato do mercador veneziano, acabaram sendo suprimidas pelos detalhes que legara acerca dos modos de viver daquelas gentes. Outros, como Duarte Pacheco, não deixaram de notar as relações humanas entre os povos, entre as impressões do cosmógrafo, aquela sobre os povos Boulões, habitantes da região de Serra Leoa, lhe chamou a atenção, pois estes, “em vez de falarem, gritam quando lhe fazem mal”.³⁰

²⁸ COSTA E SILVA, Alberto da. **A manilha e o libambo** – A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira : Fundação Biblioteca Nacional, 2011, pp. 163-166.

²⁹ CADAMOSTO, Luís de. op. cit. p. 103.

³⁰ PEREIRA, Duarte Pacheco. op. cit. p. 118.

Dessas viagens que foram mais breves ou mais demoradas, ou seja, que demandaram ou não uma convivência mais direta e prolongada com os povos africanos, levaremos em consideração, igualmente, as terminologias utilizadas pelos viajantes para se referirem a esses povos que habitavam a costa africana, uma vez que nem todos puderam perceber as nuances entre uns e outros. O mapeamento de certos parâmetros definidos pelos que ficaram mais ou menos tempo permitir-nos-á avançar para a observação das dimensões do estranho e do reconhecido na altura específica desses encontros. Se num primeiro momento aqueles homens de estranhos aspectos pareciam assemelhar-se aos animais, os que vão ficando mais tempo e conseguem abrandar a barreira da língua, a partir de seus trugimãos ou a partir de uma troca bem-sucedida, passam a observar aqueles homens como não tão estranhos assim, depreendendo deles alguma humanidade.³¹ O tempo mais longo em terra e o contato mais acurado permitem reparar outros aspectos que não só o vislumbre das silhuetas dos negros que se escondem nos morros e arbustos da praia. O olhar mais detido deixa ver, igualmente, os hábitos alimentares, as vestimentas de alguns e a nudez de outros, e conhecer melhor as armas de guerra do inimigo, as que matavam ou que apenas feriam. Embora muito já tenha sido estudado sobre estas perspectivas, cabe observar, aqui, os deslocamentos das observações referentes a um mesmo povo de um viajante que se demorou e outro que viu de passagem.

Nesta última parte da dissertação, buscaremos esmiuçar essas menções feitas aos modos de viver dos povos africanos. Examinaremos as impressões sobre os aspectos da alimentação, das vestimentas e das habitações; atentando para possíveis alternâncias em suas menções pelos viajantes que passaram pela costa ocidental africana no decorrer do século XV ou as especificações dos que ficaram por ali durante algum tempo. Em outras palavras, essas impressões serão analisadas, levando em consideração os que viram muito e os que viram pouco, os que se preocuparam em relatar com minúcias e os que foram mais breves em seus apontamentos. Ambas as perspectivas permitir-nos-ão esboçar um mundo que estava por melhor descobrir, sem perder de vista os juízos morais, mais ou menos expressos, que participam nessa delimitação pelos viajantes. O foco deste capítulo, em suma, são as descrições diretas ou indiretas realizadas pelos viajantes sobre aspectos dos hábitos e perfis dos povos encontrados que reconhecem como familiares. Buscaremos atentar para dois contrapontos: o que, de um lado, pareceu estranho durante os primeiros contatos, mas que vai deixando de sê-lo conforme as visitas se tornam mais demoradas; do outro, o que parecia comum, usual, naqueles povos, mas que um olhar mais detido virá denunciar diferenças substantivas.

³¹ GODINHO, Vitorino Magalhães. op. cit. p. 107.

que se ajuntaram⁸⁶⁰, não deixou de comemorar e de se emocionar com os abraços que viu e com aqueles que imaginou em terras alhures.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contato inicial com os relatos que deram a conhecer as primeiras viagens para a África por portugueses ou por intermédio de Portugal, bem como com a análise de estudos sobre os contatos entre os povos, o tema do choque das diferenças foi o que à partida se mostrou mais atraente, dado o peso que este viés ganhou nos estudos sobre viagens desde pelo menos a década de 70 do século passado. Em busca de um caminho que já não tivesse sido muito percorrido, as sinalizações nos relatos dos traços reconhecidos pelos viajantes como não tão diferentes ou estranhos nas terras africanas passou a ser o alvo da pesquisa. No entanto, no decorrer da investigação e com o destrinçar dos relatos, os tipos, as funções, as circunstâncias e a duração das viagens mostraram-se profícuas para a compreensão das nuances do reconhecimento ou estranhamento. Foi a atenção a essas nuances que permitiu observar como o habitual, o comum, e o compartilhado vão se tornando perceptíveis para os viajantes na medida em que os contatos se tornaram mais demorados e intrincados, e as viagens mais longas e corriqueiras. Em outras palavras, aquilo que, à primeira vista, parecia estranho e distante, com a convivência passou a ser compreendido, aceito e, até, justificado ou explicado.

Ao longo dessas páginas, pois, vimos como, nos relatos de viagens escritos sobre a África no século XV, as apreciações e paralelos remetem às crenças antigas, que há muito tempo circulavam no continente europeu e alimentavam a imaginação dos cristãos. Uns fizeram mais alusões e outros menos, mas de forma geral esses escritos trazem as referências do mundo e da época em que viviam, e mostram alguns dos impulsos que moveram cristãos àquelas partes, bem como algum conhecimento que já tinham sobre as terras de lá. Tal aspecto, dos móveis das viagens, foi bastante desdobrado pelos estudiosos contemporâneos que detiveram os seus olhares sobre esses relatos,⁸⁶¹ os quais mostraram interesse pelo impacto do estranho, do

⁸⁶⁰ Idem.

⁸⁶¹ Vale lembrar algumas das obras mais conhecidas nesse campo: *A conquista da América: a questão do outro* do filósofo Tzvetan Todorov, a obra que mais largamente desdobrou o conceito de alteridade na história da expansão; a obra *El cara a cara con el otro: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje* de Pedro Martínez García; a obra *Voyages & Visions* editado e organizado por Jas Elsner e Joan-Pau Rubiés; *Los exploradores del siglo XIII al XVI: primeras miradas sobre nuevos mundos* do francês Michel Mollat; *O Confronto do olhar: o confronto dos povos na época das navegações portuguesas (século XV e XVI)* dos historiadores portugueses Luís de Albuquerque, Antônia Ferronha, José da Silva Horta e Rui Loureiro. Ver: **Los Exploradores del siglo XIII ao XVI: Primeras miradas sobre nuevos mundos**. Tradução por MIJANGOS,

desconhecido, bem como pelo confronto de culturas e o peso das fábulas e do fantasioso nesse encontro. Perspectivas que rechearam as páginas de notáveis historiadores, antropólogos e etnólogos e legaram para um segundo plano o comum, o familiar e o aceito mutuamente. A constatação daquilo que parecia ser uma continuidade ou partilha de valores foi o que permitiu avançar para as relações mais intrincadas, como as comerciais, as diplomáticas e também as pessoais. Certamente que as dúvidas e as oscilações sobre a natureza daqueles povos estiveram sempre presentes naqueles anos,⁸⁶² tendo perdurado e sido transportadas aos séculos seguintes e a outros espaços descobertos nas Índias e do outro lado do Atlântico. No entanto, em meados do Quatrocentos, já alguns homens, como Zurara, afirmavam com convicção que eram “todos filhos de Adão, compostos de uns mesmos elementos” e que recebiam “alma” como “criaturas razoáveis”, apesar de não estarem “tão dispostos para seguir as virtudes”, como os cristãos que conheciam e, por isso, levavam “vida pouco menos de bestas” e pouco à semelhança do Criador.⁸⁶³

Não demorou muito para que, no final do século XV, aqueles lugares e práticas africanas outrora totalmente estranhos e desconhecidos se tornassem paulatinamente conhecidos e até mesmo familiares dos cristãos que para lá se dirigiam. Em determinado momento, tornou-se possível, graças aos dados disponíveis para paralelos e confrontações, reconhecer os povos e diferenciar as suas práticas umas das outras. Ocasionalmente, faziam até mesmo comparações entre uns e outros, comparações estas que demonstram a já grande familiaridade com aquelas gentes e os seus modos de vida.

Para depreender essas nuances nos relatos e nas crônicas, buscamos primeiramente perscrutar os juízos dos viajantes cristãos e suas menções àquilo que consideravam como algo moralmente bom em terras cristãs. O trabalho não teve, contudo, a vã intenção de encontrar as

Ligia Arjona. México: Fondo de Cultura Económica, 1990; ESLNER, Jas. RUBIÉS, Joan-Paul. **Voyages & Visions: towards a cultural history of travel**. London: Reaktion Books, 1999; ALBUQUERQUE, Luis de. FERRONHA, Antonio Luis. HORTA, José da Silva. LOUREIRO, Rui. **O Confronto do Olhar – O encontro dos povos na época das Navegações Portuguesas**. Lisboa: Editorial Caminho, 1991; TODOROV, Tzvetan. **A conquista da américa: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2010; **El cara a cara con el otro: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje**. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition, 2015.

⁸⁶² Como enfatiza o historiador português Jorge Fonseca, o debate sobre a legitimidade da escravidão, e posteriormente sobre o tráfico de escravos, conteve os meios letrados desde os mosteiros às universidades portuguesas, despertando posições muito diversas. A controvérsia da escravidão foi acentuada com a chegada dos primeiros cativos africanos em terras lusitanas. No entanto, questões relacionadas à natureza da escravidão, da escravidão em decorrência da guerra justa, e da servidão como condição imposta pelo pecado original, já eram debatidas entre clérigos, letrados e reis. D. Duarte, por exemplo, manifestou o seu posicionamento em *O Leal Conselheiro* sobre a antiga contenda entre cristãos e mouros justificando a servidão destes últimos em razão da guerra justa, embora propusesse a conversão ao cristianismo como caminho para a liberdade. Ver: FONSECA, Jorge. **Escravos e Senhores na Lisboa Quinhentista**. Lisboa: Edições Colibri, 2010, pp. 34-35.

⁸⁶³ ZURARA, Gomes Eanes de. p. 161.

origens dos juízos de valor sobre o bom para aqueles homens, antes pretendeu dissecar⁸⁶⁴ e percorrer a imensa, longínqua e recôndita região da moral, isto é, daquela moral vivida⁸⁶⁵ e que em parte foi revelada. Nas designações daquilo que foi imputado como bom, ou do que, por outro lado, foi recriminado nas práticas africanas, dois caminhos ganham contornos e oferecem contornos da África naquele primeiro século de descoberta: aquele do estranhamento inicial causado pelo que era incomum ou desconhecido aos cristãos - que permitia ver apenas as oposições ou distorções -, em detrimento de qualquer eventual similaridade de práticas ou costumes; e aquele outro, de meados do século XV ao seu final, em que os traços comuns começam a aparecer como mais fortes graças ao convívio demorado ou relativamente intenso. As estranhezas de outrora vão tomando feições de aceitáveis. O esquisito transita para o corriqueiro, e mesmo para o familiar, graças aos repetidos encontros, de forma que, a partir dos contatos reiterados, os mundos díspares começam a denunciar traços cada vez mais partilhados.

Quando os viajantes se depararam com a realidade do dia a dia dos africanos, tudo aquilo que num primeiro momento lhes pareceu configurar uma terra de gentes com “estranhos costumes”⁸⁶⁶, aos poucos foi se tornando familiar em decorrência da convivência. A busca de traços partilhados, bem como a aceitação das estranhezas e diferenças, foram formas de compreender melhor aquele mundo e sobreviver nele. Ao longo desse processo de chegada, olhar, assimilação e narrativa – levando sempre em conta aqueles que escreveram no calor do momento, e aqueles que só organizaram uma narrativa quando do retorno às suas respectivas terras –, as identidades africanas foram reveladas e esmiuçadas.⁸⁶⁷ As narrativas mostram-nos que, em muitas situações, o que atraiu o olhar dos viajantes foi justamente o familiar e a similitude, ou seja, o que aparentava ser comum entre os povos. O familiar também fascinou os europeus, e fascinou-os porque se depararam com inúmeros indícios de que aquelas gentes não eram tão anímicas como julgaram a princípio.

Descrever e narrar os traços comuns e familiares foram também formas de reestruturação e construção de bases morais – não propriamente intencionais –, que visaram a aproximação e o entendimento mútuo, uma vez que à primeira vista determinados aspectos pareciam visualmente semelhantes, mas eram diferentes em essência; ou quando

⁸⁶⁴ FOUCAULT, Michel. **O belo perigo**: conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016, pp. 40-41.

⁸⁶⁵ FOUCAULT, Michel. O retorno da moral. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.). **Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política**. Coleção Ditos & escritos. Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, pp. 256-257.

⁸⁶⁶ CADAMOSTO, Luís de. op. cit. p. 98.

⁸⁶⁷ FERNANDES, Ana Paula Pedroso Fernandes. Uma leitura da relação da viagem de Vasco da Gama, atribuída a Álvaro Velho. In: LOPES, Marília dos Santos (coord.), **Os Descobrimentos Portugueses nas Rotas da Memória**. Viseu: UCP, 2002, p. 15.

demoradamente observados davam indícios de traços comuns, mas disfarçados sob elementos locais, próprio do universo africano. Os meios a que se recorreu para aproximar portugueses e africanos (nesse caso a narrativa), foram fundamentais para mais tarde lançar as bases de uma moral socialmente partilhada entre o velho e o novo mundo.

A semelhança pôde ser encontrada no aspecto mais comezinho do cotidiano, como na forma de se alimentar, habitar ou se vestir, assim como em outros aspectos mais complexos ou inesperados, tais como a manifestação dos sentimentos ou a devoção – ainda que por diferentes divindades. Vimos, com os relatos, que as viagens para a África trouxeram novos temas a serem discutidos nos círculos letrados e religiosos – o da natureza humana daqueles povos, o da escravidão, etc. –, bem como uma transformação na percepção dos viajantes a partir da centúria do Quatrocentos, pois tornaram-se mais práticos e interessados em detalhes antes desinteressantes – talvez pela simplicidade –, como aqueles concernentes às particularidades do cotidiano dos africanos. Esse interesse repentino pelo comezinho em detrimento da busca pelas coisas fantásticas e extraordinárias, justificar-se-ia muito pobremente como estando relacionado a uma possível chegada da modernidade, à uma hegemonia do comércio e do dinheiro. O crescente interesse pelo africano e o seu espaço está estritamente relacionado à convivência direta do homem do século XV com mundos diferentes do seu, pois tudo isso fez emergir dúvidas e preocupações concernentes à ordenação do mundo – porque relacionado diretamente com o mundo que conheciam até então –, à conduta dos semelhantes e às fissuras que poderiam surgir na unidade de um reino que alargava as suas fronteiras e, por último, à crença que se tinha sobre o propósito de Deus para os homens.

Fosse o comum bom ou ruim, os vínculos que se criavam a partir daquele ao menos davam sentido a tudo aquilo que se via. E mais tarde, as semelhanças detectadas contribuíram para justificar as relações que se queriam e as que já estavam sendo travadas com povos e reinos alhures. Na crônica que primeiro deu a conhecer aos cristãos aqueles indícios de semelhanças com os africanos, Zurara demonstra o seu aprazimento em ver as obras de D. Henrique finalmente conduzir tantos “ao verdadeiro caminho da salvação”. Sobre os costumes questionáveis que pareciam indicar diferenças substantivas, e que assim poderiam afastar cada vez mais os portugueses dos africanos, se compreendidos melhor seriam capazes de reaproximar os homens, pois o que era mutuamente entendido gerava “na alma certo conhecer” e “afeição” pelas coisas entendidas.⁸⁶⁸ Considerando uma certa ordem do mundo, em que Deus era ao mesmo tempo o “verbo eternal” e o “geral causador”, bem como o responsável por dar

⁸⁶⁸ ZURARA, Gomes Eanes de. **Crônica de Guiné**. Introdução, novas anotações e glossário de José Bragança. Porto: Livraria Civilização Editorial, 1973, p. 409.

aos homens o entendimento das coisas da vida, o cronista encerra a sua obra dizendo que “todas as criaturas” que estivessem posicionadas abaixo desse conhecimento maior, eram então passíveis de conhecer as grandes coisas, bastava que bebessem da fonte.⁸⁶⁹ Os relatos não nos deixam dúvidas de que para Zurara, e para tantos outros que partiram para a África durante aqueles anos, o Todo-Poderoso havia outorgado “graciosamente” aos portugueses a grande missão de levar a cabo as “suas feitura”, e sob essa perspectiva deveriam agir como intermediários “em algumas coisas que ele faz”⁸⁷⁰.

⁸⁶⁹ Idem.

⁸⁷⁰ Ibidem, p. 410.

1. BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Luis de. FERRONHA, Antonio Luis. HORTA, José da Silva. LOUREIRO, Rui. **O Confronto do Olhar – O encontro dos povos na época das Navegações Portuguesas**. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

_____; **Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses: Séculos XV e XVI**. Portugal: Editorial Caminho, Círculo de Leitores, 1992.

ALBUQUERQUE, Luís de. SANTOS, Maria Emília Madeira. (orgs.) **História Geral de Cabo Verde**. Vol. I. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1991.

ALBUQUERQUE, Martim. **A consciência Nacional Portuguesa – Ensaio de História da Ideias Políticas**. Vol. I. Dissertação de doutoramento apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina. Lisboa, 1972.

AMADO, Teresa (Org). **A Guerra Até 1450**. Coimbra: Quimera, 1994.

ANDRADE, António A. Banha de. **Mundos Novos do Mundo – Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972.

ARALA CHAVES, Maria Adelaide Godinho. **Formas de Pensamento em Portugal no Século XV**. Lisboa: Editorial Gleba, Livros Horizonte, 1970.

AVELAR, Ana Paula. **Representações de um mundo novo no Portugal de Quinhentos**. Portugal: Edições Cosmos, 2011.

AZEVEDO, Carlos Moreira. (Dir.) **História religiosa de Portugal**. Vol. 1. Portugal: Círculo de Leitores, 2000.

BARATA, Filipe Themudo. **Navegação, comércio e relações políticas: os portugueses no mediterrâneo ocidental (1385-1466)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1998.

BECHTEL, Guy. **A carne, o diabo e o confessor**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

BELLO LÉON, Juan Manuel. HERNÁNDEZ PEREZ, Beatriz. Una embajada inglesa a la corte de los Reyes Católicos y su descripción en el <<Diario>> del Roger Machado. Año 1489. C.E.M.Y.R. **Revista En La España Medieval**. n. 26. Universidade de la Laguna, 2003.

BETHENCOURT, Francisco. CURTO, Diogo Ramada. **A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BOISSELLIER, Stéphane. DARBORD, Bernard. MENJOT, Denis. **Langues Médiévales Ibériques** – Domaines Espagnol et Portugais. Belgium: Brepols Publishers n.v., 2012.

BOTTINEAU, Yves. **Le Portugal et as vocation maritime** – Histoire et Civilisation d'une Nation. Ouvrage publié avec le concours du Centre National des Lettres. Paris: Éditions E. De Boccard, 1977.

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond. *Imagens de África nos textos de Ehingen, Rosmital, Popplau e Münzer*. **Bulletin of Hispanic Studies**, Universidade de Lisboa, 1994.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo** (Séculos XV-XVIII) – As estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 93; SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal [1415-1495]**. Lisboa: Editorial Verbo, 1978.

BUESCU, Ana Isabel. **Na Corte dos Reis de Portugal. Saberes, Ritos e Memórias**. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

BUESCU, Ana Isabel. SOUSA, João Silva de. MIRANDA, Maria Adelaide. **O corpo e o gesto na civilização medieval**. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

CARABIAS TORRES, Ana María. **Las relaciones entre Portugal y Castilla en la época de los descubrimientos y la expansión colonial**. Salamanca: Ediciones Universidade de Salamanca, Sociedad V Centenario del tratado de Tordesillas, 1994.

CHAUNU, Pierre. **A Civilização da Europa Clássica**. Vol. 1. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

_____; **A Expansão Europeia do Século XIII ao XV**. São Paulo: Pioneira, 1978.

COELHO, André Madruga. **Poder e estatuto em Portugal no final da Idade Média** – os Lobo entre a cavalaria e a baronia. Lisboa: Edições Colibri, 2017.

COELHO, Maria Helena da Cruz. HOMEM, Armando Luís de Carvalho. (coord.). **A Gênese do Estado Moderno no Portugal Tardo-Medieval (séculos XIII-XV)**. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 1999.

COSTA LUIS, Alexandre Antonio de. **Portugal Messiânico e Imperial de D. João II**. Covilhã: Lusosofia, 2013.

COSTA E SILVA, Alberto da. **Imagens da África**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2012.

_____; **A Enxada e a Lança – A África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

_____; **A Manilha e o Libambo – A África e a escravidão de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

COSTA, António Domingues de Sousa. **A expansão portuguesa segundo o pensamento do Infante Dom Henrique**. Lisboa: Edições Brotéria, 1960.

CORTESÃO, Armando F. Zuzarte. **O Mistério de Vasco da Gama**. Lisboa, Coimbra: Junta de Investigações do Ultramar, 1973

CORTESÃO, Jaime. **Os Portugueses em África (1557-1640)**. Vol. 16. Lisboa: Portugália Editora, 1960.

COUTINHO, Almirante Gago. **A náutica dos descobrimentos**. Edição comemorativa do primeiro centenário do nascimento de Gago Coutinho. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, MCMLXIX.

CURTO, Pedro Mota. **História dos portugueses na Etiópia (1490-1640)**. Porto: Campo das Letras, 2008.

DROUIN, Jean-Marc. **Reinventar a Natureza**. A ecologia e sua história. Instituto Jean Piaget, 1990.

DUARTE, Luís Miguel. **Ceuta 1415 – seiscentos anos depois**. Lisboa: Livros Horizonte, 2015.

FERREIRA, João José Brandão. **A evolução do conceito estratégico ultramarino português – da conquista de Ceuta à conferência de Berlim**. Portugal: Edições Atena, 2000.

FONSECA, Henrique Quirino. **A caravela portuguesa e a prioridade técnica das navegações henriquinas**. Lisboa: Min. Marinha, 1978.

FONSECA, Jorge. **Escravos e Senhores na Lisboa Quinhentista**. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

FONSECA, Luís Adão da. **De Vasco a Cabral – Ocidente e Oriente nas navegações oceânicas**. São Paulo: EDUSC, 2001.

_____; **Portugal entre dos mares**. Madrid: Editorial Mapfre, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____; **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FLORI, J. **Caballeros y caballeria en la Edad Media**. Traducción de Godofredo Gonzalez. Barcelona: Paidós, 2001; DYBOSKY, R.; AREND, Z.M. (Eds.). **Knyghthode and bataile: a XVth century verse paraphrase of Flavius Vegetius**. Oxford: Early English Text Society: 1971.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos (org.). **A escrita da história de um lado a outro do Atlântico**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.

_____; Entre o longe e o perto: bom e belo nas primeiras viagens portuguesas. **Revista Portuguesa de História**, XLVI (2015). Disponível em: http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147_46_4. Acessado em 06 jun. 2016.

_____; **Os Reinos dos Cronistas Medievais (Século XV)**. São Paulo: Annablume, 2006.

GASPAR, Joaquim Alves. **Cartas e projeções cartográficas**. Lisboa: Lidel, 2005.

GARCÍA DA CRUZ, Maria Leonor. **Os <<fumos>> da Índia** – uma leitura crítica da expansão portuguesa. Com uma antologia de textos dos séculos XVI-XIX e uma cronologia da Expansão Portuguesa e do Império Ultramarino (1336-1899). Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

GARCÍA MERCADAL, José. **Viajes de Extranjeros por España y Portugal**. Espanha: Junta de Castilla y León, 1999.

GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GODINHO, Vitorino Magalhães. O mediterrâneo Saariano e as caravanas do ouro. Vol. 11, n. 23. **Revista de História**. Universidade de São Paulo, 1955. Disponível em: <<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36467>>> Acessado em 20 Out 2016.

_____; **Mito e Mercadoria, Utopia e prática de Navegar**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990.

_____; **A economia dos descobrimentos henriquinos**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1962.

GOMES, Rita Costa. **A Corte dos Reis de Portugal no final da Idade Média**. Portugal: Difusão Editorial, 1995.

HESPANHA, António Manuel. **Imbecillitas: as bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo-Regime**. São Paulo: Annablume, 2010.

HORTA, José da Silva. **A Representação do Africano na Literatura de Viagens, do Senegal à Serra Leoa (1453-1508)**. 1990. 339 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Letras de Lisboa, Portugal.

HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média**. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

KEEN, M. **Chivalry**. New Haven: Yale University Press, 1984; KEEN, M. **The laws of war in the middle ages**. London: Routledge & K. Paul, 1965.

KOISO, Kioko. **Mar, Medo e Morte**: aspectos psicológicos dos naufragos na História Trágico-Marítima, nos testemunhos inéditos e noutras fontes. Vol. 1. Cascais: Patrimonia Historica, 2004. (Livro sobre os séculos XVI e XVII).

LABARGE, Margaret W. **Viajeros Medievales**: Los Ricos y los Insatisfechos. Madrid: Nerea, 2000.

LANCIANI, Giulia. **Sucessos e Naufrágios das naus portuguesas**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

LAROUÏ, Abdallah. **Historia del Magreb** – desde los orígenes hasta el despertar Magrebí. Un ensayo interpretativo. Madrid: Editorial Mapfre, S. A., 1994.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média: Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

_____; **Em Busca do Tempo Sagrado** – Tiago de Varazze e a Lenda Dourada. Brasil: Civilização Brasileira, 2014.

_____; **O Maravilhoso e o Cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Lugar da História, Edições 70, 2010.

LEITÃO, Manuel. A marinharia nos descobrimentos marítimos portugueses. **Actas do seminário ciência náutica e técnicas de navegação nos séculos XV e XVI**. Macau: Instituto Cultural de Macau, Centro de estudos marítimos de Macau, 1988.

LÉVY, Jacques. LUSSAULT, Michel. (dirs.) **Logiques de l'espace, esprit des lieux**. Géographies à Cerisy. Paris: Éditions Belin, 2000.

LOPES, Paulo. **Viajar na Idade Média** – A visão Ibérica do mundo no Livro do Conhecimento. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

_____; **Os Viajantes Medievais da Rota da Seda (Séculos X-XV)**. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2011.

MACEDO, Jorge Borges de. **História Diplomática Portuguesa** – constantes e linhas de força. Vol. I. Lisboa: Herdeiros de Jorge Borges de Macedo e Instituto da Defesa Nacional, 2006.

MAREK, Pavel. **La Embajada Española en la Corte Imperial (1558-1641)** – Figuras de los embajadores y estrategias clientelares. Universidad Carolina de Praga: Editorial Karolinum, 2013.

MACHADO, José Pedro. CAMPOS, Viriato. **Vasco da Gama e a sua viagem de descobrimento**.

MARQUES, A. H. de Oliveira. SERRÃO, Joel (dir.). A Expansão Quatrocentista. Vol. II. IN: **Nova História da Expansão Portuguesa**. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

MARQUES, José. **Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média**. Braga: Fundação Calouste Gubenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.

_____; **Viajar em Portugal nos séculos XV e XVI**. Revista da Faculdade de Letras. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2077.pdf> >. Acesso em: 10 fev. 2016.

MARTELO, David. **A Dinastia de Avis** – e a construção da União Ibérica. Lisboa: Edições Sílabo, 2005.

MARTÍNES-HIDALGO, José M.^a. **Las naves del descubrimiento y sus hombres**. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

MARTÍNEZ, Carlos de Ayala. FERNANDES, Isabel Cristina F. **Cristãos contra muçulmanos na Idade Média Peninsular**, Cristianos contra musulmanes en la Edad Media Peninsular. Lisboa: Edições Colibri, Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2015.

MATTOSO, José. **Naquele tempo**: ensaios de história medieval. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2009.

_____; (dir. e coord.), **História de Portugal. A Monarquia Feudal**. Vol. II. Portugal: Editorial Estampa, 1997.

_____; **Ricos-homens, Infanções e Cavaleiros** – a nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.

_____; **A Nobreza Medieval Portuguesa** – a família e o poder. Lisboa: Imprensa Universitária - Editorial Estampa, 1981.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Além do visível** – Poder, Catolicismo e Comércio no Congo e em Angola (Séculos XVI e XVII). São Paulo: Edusp, 2018.

MENDONÇA, Manuela. **As Relações Externas de Portugal nos Finais da Idade Média**. Editora Coleção Colibri História, 1994.

MENESES, Avelino de Freitas de. OLIVEIRA E COSTA, João Paulo (coords.). **O reino, as ilhas e o mar oceano**. Estudos em homenagem a Artur Teodoro de Matos. Vol. I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, 2007.

MOLLAT, Michel. **Los Exploradores del siglo XIII ao XVI: Primeras miradas sobre nuevos mundos**. Tradução por MIJANGOS, Ligia Arjona. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

MOTA, Teixeira da. **Mar além mar**, Estudos e ensaios de História e Geografia por A. Teixeira da Mota. Vol. I. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1972.

NEWTON, A. P. **Travel and Travellers in the Middle Ages**. New York: Barnes & Noble, 1968.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral** – uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA E COSTA, João Paulo. **Henrique, o Infante**. Lisboa: A Esfera dos livros, 2009.

OLIVEIRA E COSTA, João Paulo. RODRIGUES, José Damião. OLIVEIRA, Pedro Aires. **História da expansão e do império português**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.

RAMOS, Rui (Org.). **História de Portugal**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

RICOEUR, Paul. **O Si-Mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RODRIGUES, Miguel Jasmins. TORRÃO, Maria Manuel. **Pequena Nobreza de Aquém e Além-Mar** – Poderes, Patrimónios e Redes. Lisboa: FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011.

RUBIO TOVAR, J. Viajes, Mapas y Literatura en la España Medieval. In VIAJES Y VIAJEROS EN LA ESPAÑA MEDIEVAL, Actas del V Curso de Cultura Medieval, Nº 5, 1993, Palencia, **Atas de Congresso**, Madrid: Polifemo, 1997.

_____; **Viajes y Viajeros en la España Medieval**. Madrid: Ediciones Polifemo, 1997.

RUCQUOI, Adeline. **História medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

RUSSELL-WOOD, John. **Histórias do Atlântico Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____; **The Portuguese Empire, 1415-1808 – A World on the move**. London: The Johns Hopkins University Press, 1998.

SANTARÉM, Visconde de. **Quadro Elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo, desde o princípio da monarchia portuguesa**. Tomo Primeiro. Officina typographica de Fain e Thunot, Paris: 1842.

SANCHÉZ GARCÍA, E. **Libros de viaje en la península ibérica durante la Edad Media: Bibliografía**. IN: Lemir, Valencia, Espanha: nº14, p353-402, 2010. Disponível em <http://parnaseo.uv.es/lemir/Revista/Revista14/21_Garcia_Enrique.pdf>. Acesso em 13 Nov. 2015.

SARTI, Rafaella. **Casa e família – habitar, comer e vestir na Europa Moderna**. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo – ensaios de antropologia medieval**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

SELVAGEM, Carlos. **Portugal Militar – compêndio de história militar e naval de Portugal – desde as origens do Estado Portucalense até o fim da Dinastia de Bragança**. Lisboa: Temas Portugueses: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **Cronistas do século XV posteriores a Fernão Lopes**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

_____; **História de Portugal**. Lisboa: Editorial Verbo, 1978.

SILVA, José Manuel Azevedo e. **A Madeira e a construção do mundo atlântico (séculos XV-XVII)**. Vol. I. Coimbra: Centro de estudos de História do Atlântico, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 1995.

SOUSA, Armindo de. **As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)**. Vol. I. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade, 1990.

SORIA, José Manuel Nieto. **Del Rey Oculto ao Rey Exhibido: Un Síntoma de las transformaciones políticas en la Castilla Bajomedieval**. Disponível em: <http://revistas.um.es/medievalismo/article/view/50211/48121>. Acesso em: 22 fev. 2016.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VENTURA, Margarida Garcez. **Igreja e Poder no séc. XV – Dinastia de Avis e liberdades eclesíásticas (1383-1450)**. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

_____; Navegadores, piratas, corsários, guardiães da Cristandade portuguesas no Mediterrâneo em meados do Séc. XV. Nº 27-28. **Revista Estudios Jacobios y Medievales**. Espanha: 2010.<< <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/259614>>> Acesso em 21 Ago. 2016.

VENTURA, Maria da Graça M. (coord.) **Viagens e viajantes no atlântico Quinhentista – Primeiras Jornadas de História Ibero-Americana**. Lisboa: Edições Colibri, 1996.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 1982.

ZUMTHOR, Paul. **La Medida del Mundo**. Madrid: Catedra, Historia. Serie Menor, 1994.

WLADYSŁAW, Tatarkiewicz. **Historia de la estética**. Madrid: Ediciones Akal, 2007.

YATES, F. **A arte da memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

a. Corpus documental

CADAMOSTO, Luis de. **Viagens de Luis de Cadamosto e de Pedro de Sintra**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1948.

FERNANDES, Valentim. **O manuscrito Valentim Fernandes**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1940.

LA FOSSE, Eustache de. **Crónica de uma viagem à costa da Mina no ano de 1480**. Prólogo de Joaquim Montezuma de Carvalho. Lisboa: Veja, Documenta Historica, 1992.

MÜNZER, Hieronymus. **Itinerary and the discovery of Guinea**. Translation and notes by James Firth. London: British Library, 2014.

PEREIRA, Duarte Pacheco. **Esmeraldo de Situ Orbis**. Cópia e revisão de Raphael Eduardo de Azevedo Basto. Lisboa: Edição comemorativa da Descoberta da América por Christóvão Colombo no seu Quarto Centenário, Imprensa Nacional, 1892.

PINA, Rui de. **Relação do Reino do Congo**. IN: RADULET, Carmen. **O Cronista Rui de Pina e a “Relação do Reino do Congo” – Manuscrito inédito do Códice Riccardiano 1910**. Portugal: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1992.

PINA, Rui de. **Croniqua delRey Dom Joham II**. Nova edição com prefácio e notas de Alberto Martins de Carvalho. Coimbra: Atlântida – Livraria Editora, 1950.

SINTRA, Diogo Gomes de. **Descobrimento Primeiro da Guiné**. Edição crítica de Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 2002.

USODIMARE, Antoniotto. Carta de Antoniotto Usodimare (12-12-1455). IN: **Monumenta Missionaria Africana** – África Ocidental (1342-1499). Versão corrigida e anotada pelo Padre Antônio Brásio. Vol. I. Lisboa: Agência Geral do Ultramar – Divisão de publicações e biblioteca, 1958.

VELHO, Álvaro. **Roteiro da Viagem de Vasco da Gama**. 2ª Ed. Cópia e correções por A. Herculano e Barão do Castello de Paiva. Lisboa: Imprensa Nacional, 1939.

ZURARA, Gomes Eanes. **Crônica de Guiné**. Introdução, novas anotações e glossário de José Bragança. Porto: Livraria Civilização Editorial, 1973.